

TRIBUTO A TRIBUZI

A publicação de *Alguma existência* (1948), estréia de Bandeira Tribuzi em livro, correspondeu a um dos maiores acontecimentos literários de São Luís nessa década. O livro tornou-se pedra de toque de todas as conversas e discussões literárias, e também pedra de escândalo para muitos. Exagerado não seria afirmar que igualmente *Alguma existência* tornou-se pedra angular da nova poesia maranhense, imediatamente revelada por diversos livros, a exemplo de *Um pouco acima do chão*, de Ferreira Gullar, ou *Estrela do céu perdido*, de Lago Burnett (ambos de 1949).

Entre manifestações iradas e expressões de aplauso, registre-se esta mostra da verve maranhense, segundo a qual Tribuzi foi a uma loja para comprar calçados e, indagado sobre sua pontuação, respondeu: "Eu não uso pontuação". Aludia-se ao fato, ainda estranho em São Luís, de um livro grafado em minúsculas e com raríssimos sinais de pontuação.

A produção poética de Bandeira Tribuzi vai muito além dos livros reunidos neste volume. Parte já foi publicada postumamente (*Rosamonde* e *Tropicália*) e comporá outro volume, juntamente com o que sua viúva, Maria Tribuzi, está carinhosa e competentemente recolhendo de jornais, revistas e de um baú cheio de manuscritos.

Mas não se resume à poesia a produção literária de Bandeira Tribuzi. O poeta era também músico, economista, professor, compositor, jornalista e ensaísta. Em todos esses campos produziu bastante, alcançando qualidade e

quantidade admiráveis para os 50 anos de vida que teve. Não era ficcionista, porém deixou uma novela de costumes, recentemente editada.

Bandeira Tribuzi viveu a maior parte de seus dias em São Luís, mas fora o "exílio" português, da infância à primeira juventude, morou em Fortaleza e no Rio de Janeiro, trabalhando em jornais e em departamentos de comunicação social de empresas.

Em 1960 regressou a São Luís, como economista do DNER, cargo do qual foi demitido em 1964. Por sua corajosa militância na imprensa e em praça pública, tiraram-lhe o emprego e mandaram-no para a prisão.

Com a eleição de José Sarney para o Governo do Estado (1965), Bandeira Tribuzi foi convocado para trabalhar no planejamento governamental e teve relevante papel nas ações que então impulsionaram o desenvolvimento maranhense.

A partir daí, sempre esteve ligado aos órgãos de planejamento estadual e jamais deixou o trabalho em jornal, onde ficou grande parte de sua produção intelectual, sob as formas de artigos, ensaios, crônicas e matérias de redação. Relaciona-se, a seguir, a produção de Bandeira Tribuzi até agora levantada. Publicações em vida do Autor:

- a) poesia
 - Alguma existência*. São Luís, 1948.
 - Rosa da esperança*. Rio, Orfeu, 1950.
 - Safra*. Rio/São Luís, Dep. de Cultura, 1961.
 - Sonetos*. São Luís, 1962.
 - Pele e osso*. Rio, Orfeu, 1970.

Breve memorial do longo tempo. São Luís, 1977. "Guerra e paz", in *Itinerário* (Fortaleza-CE).

b) ensaio literário
 "Do silêncio ao concretismo", in *Cadernos Brasileiros "Gonçalves Dias"*, in *O Estado do Maranhão* (suplemento)

c) trabalhos econômicos
 Esboço da formação da economia maranhense. Comportamento recente da economia maranhense. Perspectiva econômica das BRs no Maranhão.

Publicações póstumas
 a) poesia
 Poesias completas. Rio/Brasília, Cátedra/INL, 1979 (reunindo todos os títulos do item "a", mais os livros: *Canções no exílio*, *Viola de amor*, *Romanceiro da Cidade de São Luís*, *Íntimo comício* e *Outros poemas*).
Rosamonde (o touro da morte). São Luís, SIOGE, 1985.
Tropicália; *Consumo & dor*. São Luís, SIOGE, 1985.

b) novela
 Da conveniência de fazer-se um deputado conveniente. São Luís, SIOGE, 1985.

c) trabalho econômico
 Formação econômica do Maranhão; uma proposta de desenvolvimento. São Luís, FIPES, 1981.
 Permanecem inéditos os livros *Chão agreste* (romance), *Canção da prisão* (contos) e uma coletânea de textos políticos e econômicos. Já foram arroladas 43 composições musicais (letra e música), e é de sua autoria a marcha-rancho "Louvação a São Luís", tornada hino oficial da capital maranhense.

PAVANA DO FIM DO MUNDO

I Eu fui gerado em prazer e fui parido com dor e quando mamei mamei e é por isso que direi com palavras de estupor o que tanto de dizer: Que nós aqui vamos indo, vamos indo fluando vivendo de quando em quando como a sorte determina. Raios partam dor de dentes, dor de cabeça e de peito - exceto dores de pa'Arto - que eu senhores estou farto de tantas medidas, uras, de santidades históricas, de viúvas tão honestas, de tantas virgens que o foram, de tantas panças católicas apostólicas ó ólicas! (Raios partam! Estou farto!) Que ou ISTO se simplifica ou me complico e nos mato.

II Homens há... Cadê os homens? Mas homens há certos poucos que ainda chamam as coisas com os nomes delas próprias. Homens há poucos que vêm que há festas de caridade em que a caridade está em certo esfregar de corpos e que dessa caridade só se alimentam os mortos,

quando a caridade está em chamar-se a um burro - burro e em chamar-se porco a um porco.

VARIAS HIPOTETES DE JOSÉ DA SILVA

Começou no poder-ser da adolescência, no incerto Caminho par da ternura com as urgências do sexo;

Começou pelo crepúsculo a mão dada e o beijo terno, o amor, a paixão, desejo o inseriram no contexto

de fértil ventre abaulado gitante frágil e tenro! promessa de planta viva florindo em fértil terreno;

ali na gruta sagrada vivendo sob o avesso foi feliz que não cuidava e o cuidava o sangue espesso

materno todo fluindo pelos rios do desvelo: era uma planta na estufa fora do externo contexto...

mas o que é bom dura pouco e um dia ericou-se o avesso onde vivia protegido e fez dele seu corpo externo;

um pequeno ser humano gritando pelo oxigênio

e sorvendo ávido o sangue branco nos maternos peitos

avós, tios, pais, parentes em trágico apressamento cuidaram de dar-lhe um nome que o inserisse no contexto:

digamos que o apelido que lhe deram (por genérico) foi o de José da Silva que é comum e brasileiro.

Até aqui a mecânica mais ou menos aparente através da qual qualquer se vê no mundo vivente

(que ainda não inventaram a fórmula desigual para ser alguém parido por condição social).

Até a palmada e grito que insere o Homem na vida há uma perfeita igualdade: todos são José da Silva.

Depois do primeiro berro é que as coisas se complicam e vão do JOSÉ DA SILVA até o José da Silva.

que é o mundo prateleira subindo do chão acima e os homens, como livros, a níveis desiguais ficam.

MEDITAÇÃO DA PONTE

Direis que não existe como se isso fosse essencial (sempre a mesma incapacidade de ver além dos acidentes...). Pois é nela que me debruço e sob ela passam as águas e o rio fica. Passo-me em águas e rio fico. E, de repente, é como se num espelho mágico (mágica lanterna) com as águas fossem transcorrendo as coisas, as pessoas, pedaços de mim e alheios, coisas, pessoas, eu, eles havidos mas estranhamente combinados em outras formas de ser(mos) pessoas, coisas, eu, eles.

*Nota do editor: Bandeira Tribuzi morreu a 8 de setembro de 1977, dia do aniversário da Cidade a que tanto amou e dedicou alguns dos seus mais belos poemas. O texto de Jomar Moraes faz parte do prefácio do livro *Poesia Reunida* de Bandeira Tribuzi, editado pela Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, em conjunto com a editora Alhambra, Rio de Janeiro, 1985.*

A opção do editor, de transcrever "pedaços" e não poesias completas, foi mostrar a força terrena da expressão poética de Bandeira Tribuzi, no que há de mais forte nela: a vida e a condição social do ser humano (o destino), sem, contudo, perder sua qualidade poética intrínseca, como aconteceu com outros [tantos] poetas [I]M.Eça.